

## O PAPEL DA ESCOLA BÁSICA NA REFLEXÃO E INTERVENÇÃO DA LGTBFOBIA: REFLEXÕES E APONTAMENTOS

Gislayne Fernanda Bezerra Alves <sup>[1]</sup>

Estefany Peres Ferreira <sup>[2]</sup>

Marlon Tardelly Morais Cavalcante (Orientador) <sup>[3]</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de discutir o papel da escola no debate e na intervenção sobre a problemática da Lgbtfobia, levando em consideração as inúmeras dificuldades que esse preconceito traz para a construção da vida adulta dos estudantes. Nesse sentido, realizamos uma pesquisa de natureza qualitativa, através de uma entrevista semiestruturada com quatro estudantes da comunidade LGBTQIA+ no intuito de que eles expusessem suas experiências enquanto alunos inseridos nesse contexto. Tais dados foram relacionados por meio de revisão bibliográfica de relatórios, entre eles, os da Reprolatina (2011), da Transgender Europe (2016) e da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transexuais (2021), para que assim fosse possível alcançar uma visão mais ampla da problemática abordada. A partir dos dados obtidos, foi possível identificarmos a deficiência existente para trabalhar esse tipo de preconceito na escola. Há uma enorme dificuldade em torno da discussão desse tema, tendo em vista que na maioria das vezes a equipe escolar silencia e invisibiliza esse problema, fazendo com que se torne mais grave e traumatizante para os estudantes envolvidos. É necessário ressaltar que a Lgbtfobia estimula o aumento da evasão escolar, considerando que o ambiente escolar passa a ser um lugar de exclusão e preconceito. Também compreendemos que o silêncio em relação à diversidade sexual prejudica o processo de aprendizagem, visto que, ao não se abordar em sala de aula esse tema, afasta-se a criação de um ambiente proativo e pautado pelo respeito às diferenças. Diante disso, é evidente que a função social da escola nesse contexto precisa ser refletida, pois necessitamos de um ambiente acolhedor que estimule o respeito e o compartilhamento das diferenças existentes, discutindo essa questão de forma inclusiva para que estas pessoas tenham lugar de fala, mais do que isso, é necessário intervir para que esse preconceito não seja normalizado.

**Palavras-chave:** Escola, Lgbtfobia, Preconceito, Intervenção. <sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> <sup>[1]</sup>Graduanda do Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB/Campus Campina Grande, [gislaynealvesfilo@gmail.com](mailto:gislaynealvesfilo@gmail.com);

<sup>[2]</sup>Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB/Campus Campina Grande, [peresestefany158@gmail.com](mailto:peresestefany158@gmail.com);

<sup>[3]</sup>Doutorando em Educação da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Professor do Instituto Federal da Paraíba – IFPB/Campus Sousa e Coordenador Pedagógico na EMEIEF Jacob Guilherme Frantz, [marlontardelly@gmail.com](mailto:marlontardelly@gmail.com).

## INTRODUÇÃO

A escola é um dos principais espaços de formação para a cidadania e socialização de crianças, adolescentes e jovens, por isso o espaço escolar deve ser um ambiente que exerça um papel ativo nas problemáticas sociais, tendo em vista que isso afeta todo o processo de aprendizagem dos alunos. Pode-se considerar que o papel social da escola “surgiu a partir da necessidade de questionar os profissionais da educação quanto à responsabilidade social que a escola tem como entidade formal” (NOBRE, et al..., p.1, 2018). No entanto, mesmo percebendo que a escola exerce uma função social, na maioria das vezes ainda não consegue lidar com questões relacionadas à educação sexual, diversidade e as temáticas relacionadas, o que faz com que a escola se torne um espaço conivente com o preconceito e a discriminação.

Para entender qual o papel da escola contra o preconceito da homofobia, inicialmente é preciso entender qual a função social da escola. De acordo com Saviani, a finalidade da educação deve ser a promoção do homem, isso implica dizer que o objetivo da educação é “tornar o homem cada vez mais capaz de conhecer os elementos de sua situação a fim de poder intervir nela transformando-a no sentido da ampliação da liberdade, comunicação e colaboração entre os homens” (SAVIANI, 1980, p. 52 *apud* CARDOSO et al., 2009). Pode-se dizer que a função social da escola está nessa promoção falada por Saviani, a escola tem o importante papel de contribuir para um desenvolvimento cultural que construa uma sociedade que tenha o respeito pelas diversidades como ponto primordial.

No entanto, mesmo que essas funções sejam atribuídas também e principalmente à escola, ao olhar para o processo educacional da educação brasileira observamos grandes problemas relacionados ao preconceito, problemas esses que na maioria das vezes têm inúmeros impactos negativos no processo de aprendizagem dos alunos. A homofobia é um dos principais problemas, já que falar sobre a comunidade LGBTQIAP+ na sala de aula ainda é um tema que causa repulsa, como afirma Benevides e Aguiar,

“LGBTQIAP+ em muitos espaços governamentais e sociais ainda é visto como um desvio moral, um pecado ou ainda uma perversão por grande parte das pessoas. Há ainda aqueles que acreditam se tratar de uma doença, o que, portanto, mereceria tratamento para reversão.” (BENEVIDES, AGUIAR, 2019, p. 44).

Deste modo, o processo educacional brasileiro está intimamente ligado a um sistema conversador que dificulta e inviabiliza inúmeras causas ligadas ao preconceito e a

---

discriminação. Infelizmente, tem-se um contexto de currículo escolar que supervaloriza padrões conversadores, em sua maioria heteronormativos, fato que acaba por ressaltar comportamentos homofóbicos. O professor encontra-se com vários desafios desde a construção de uma aula dentro do currículo escolar até a sua prática docente em sala de aula, pois, é através do currículo escolar que a instituição educacional revela a sua forma de ver e pensar o mundo e essas questões interferem diretamente no processo de formação dos alunos dentro da escola” (FILHO, 2010, p.1). Diante disso, o objetivo desse trabalho é trazer a discutir sobre o papel da escola como um agente que deve promover a reflexão e intervenções que diminuam a Lgbtfobia das escolas e da sociedade.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Como já vimos, as condutas educativas deveriam exercer um papel de grande importância para o combate e para minimização da homofobia no âmbito escolar, entretanto, mesmo estando inserido na era da informação ainda existe uma visão reprodutora e saudosista nas práticas educacionais. Diante disso, os desafios se tornam constantes e começam muito cedo para a população LGBTQIAP+.

A homofobia refere-se a todo e qualquer tipo de intolerância ou aversão às pessoas que não são heterossexuais e cisgêneros.

“A invenção da palavra pertence a K. T. Smith que, em um artigo publicado em 1971, tentava analisar os traços da personalidade homofóbica; em um ano depois, George Weinberg definiu a homofobia como "o receio de estar com um homossexual em um espaço fechado e, relativamente aos próprios homossexuais, o ódio por si mesmo.” (BORRILLO, 2010, p. 21)

Esse preconceito abrange não só violências tipificadas, mas também caracteriza o outro como anormal e inferior. Em uma pesquisa feita pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), A ACONTECE - Arte e Política LGBTI+ e a Associação de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexuais (ABGLT), constatou que em 2021 no Brasil foram mortas de forma violenta 316 pessoas da comunidade LGBTQIAP+, como o país contava com uma população de 213.317.639 habitantes, segundo estimativa do IBGE, a média nacional foi de 1,48 mortes a cada milhão de pessoas. Esses números alarmantes corroboram para as

discussões de combate a Lgbtfobia, já que a falta de estatísticas governamentais faz com que esses dados sejam subnotificados, em virtude de que nosso banco se baseia apenas em notícias publicadas na mídia, internet e informações pessoais. A ausência de dados governamentais aumenta os desafios enfrentados pela comunidade, fazendo com que essa problemática muitas das vezes seja naturalizada e descredibilizada.

As violências verbais, físicas e psicológicas presente nas instituições educacionais causa um grande impacto negativo quando o assunto é a segurança pessoal dos estudantes do grupo LGBTQIAP+. De acordo com o relatório realizado pela Secretaria de Educação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT) após entrevistar os jovens dessa comunidade foi comprovado que 73% foram agredidos/as verbalmente na escola por causa de sua orientação sexual, 68% foram agredidos/as verbalmente na escola por causa de sua identidade/expressão de gênero, 27% dos/das estudantes LGBT foram agredidos/as fisicamente por causa de sua orientação sexual, 25% foram agredidos/as fisicamente na escola por causa de sua identidade/expressão de gênero e 56% dos/das estudantes LGBT foram assediados/as sexualmente na escola.

A partir desses dados, pode-se perceber que há um nível elevado de preconceito e de violência destinados a pessoas homossexuais, por isso a escola se torna um ambiente hostil e inseguro, contribuindo no êxodo escolar, no adoecimento mental e estimulando o sentimento de não pertencimento à sociedade. Esse ambiente acaba por iniciar um processo de distanciamento das atividades escolares, como ainda mostra o relatório da secretaria da ABGLT, quase um terço (31,7%) dos estudantes LGBT+'s afirmaram ter faltado na instituição educacional pelo menos um dia no último mês, porque se sentiam inseguros ou constrangidos.

Para entender a construção dessa estrutura preconceituosa, é necessário analisar o contexto quanto ao enfrentamento à homofobia em que a educação brasileira está inserida, pois, isso influencia diretamente a política que o currículo escolar e as instituições escolares escolhem para exercer em sua educação. O Brasil encontra-se em um cenário conservador e infelizmente é um dos países que mais mata pessoas homossexuais no mundo. Segundo o relatório da Transgender Europe que monitorou 71 países entre os anos de 2008 a 2017, constatou que houveram 2609 mortes de pessoas

homossexuais no mundo, sendo o Brasil que liderou esse ranking com 1071 homicídios, isso quer dizer mais de 50% dos casos. Infelizmente, isso é apenas um pequeno fragmento do que o país faz com pessoas que não são heterossexuais, vê-se ainda uma grande influência religiosa que contribui para a construção dessa estrutura que muitas vezes é escondida por um falso discurso de respeito à diversidade e a liberdade de expressão.

Diante desse contexto, no Brasil vivemos um processo educacional também conservador, o que impossibilita que a educação seja realmente uma ferramenta forte de combate à discriminação. Na escola também é possível observar-se uma grande influência religiosa, o que faz com os costumes religiosos sejam levados em grande consideração quando se trata do ensino de princípios morais. Nesse contexto, ainda temos uma grande resistência por parte da família dos alunos, o que também dificulta que essa temática seja recebida de forma aberta pelos alunos, gerando um enorme desafio aos professores que mesmo não tendo recebido instruções suficientes em suas formações, precisam trabalhar essa temática não só com os alunos, mas também com os seus familiares e muitas das vezes até consigo mesmo.

São numerosas as dificuldades que pessoas que não são heterossexuais sofrem, em vista disso, especialmente a escola deve estar preparada para acolher os estudantes LGBT+’s diante das adversidades que há de surgir. Por isso, é fundamental que desde a formação dos professores e na contratação dos profissionais da educação existam meios de capacitações e que seja incluído no currículo objetivos específicos que trabalhem a educação sexual e o respeito à diversidade sexual, por meios de cursos, palestras, oficinas, seminários e principalmente conteúdos programados nas salas de aulas. Tal inclusão precisa envolver todo o âmbito escolar e todas as pessoas, desde a coordenação até os educandos e seus familiares, a fim de reduzir não só os comportamentos homofóbicos presentes na comunidade escolar, mas também trazer um impacto para toda a sociedade.

## **METODOLOGIA**

Para desenvolver este trabalho realizou-se uma pesquisa de revisão bibliográfica com o intuito de obter dados acerca da realidade atual da luta contra a Lgbtfobia na

sociedade e principalmente no âmbito escolar. Em seguida, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa, por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com quatro alunos da comunidade LGBTQIAP+, foram questionados quais eram suas experiências no ambiente escolar enquanto alunos LGBT+’s, como a escola contribuiu para a construção de suas identidades sexuais e quais foram às abordagens sobre essa temática nas escolas para coibir o preconceito sobre esses indivíduos. Esses dados foram relacionados com pesquisas bibliográficas a fim de ter uma visão mais ampla da temática abordada. Os sujeitos da pesquisa são três pessoas homossexuais do gênero masculino e uma pessoa lésbica do gênero feminino, todos são estudantes de escolas públicas da Paraíba, não serão identificados, mas serão intitulados por pseudônimos como: Antônio, Pedro, Ana e Felipe.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

De acordo com o contexto apresentado foi analisado relatórios a fim de entender quais as realidades estatísticas da homofobia na escola e na sociedade brasileira. Em uma pesquisa realizada pela ONG Reprolatina (2011) em 44 escolas de 11 capitais brasileiras, mostra com precisão a existência da homofobia no espaço escolar, como também constatou que a comunidade LGBTQIAP+ é invisível nas escolas, consequentemente a homofobia também é minimizada. Ainda foi possível perceber que um dos principais motivos da escola se tornar omissa acerca desse preconceito, é o medo de entrar em conflito com princípios conservadores dominados por doutrinas morais religiosas que condenam a homossexualidade. E mesmo que as entrevistas realizadas nessa pesquisa não tenham sido feitas diretamente com as famílias dos alunos, foi possível identificar indiretamente que as respostas dos estudantes expressaram como pensam e agem suas famílias ao que diz respeito a temas como esses.

Através do documentário “Homofobia e Transfobia na Escola” da Bendita Geni – Jornalismo LGBTQIA+ (2018) identificamos como a escola é um ambiente hostil para alunos LGBT+’s. Em um dos depoimentos dos entrevistados foi possível visualizar isso, quando Wesley (aluno homossexual) afirma:

*“eu sempre fui visto como o esquisito da turma, sempre foi muito difícil, pois eu não tinha colegas, até que uma vez uma turma de meninos se juntou para*



*me humilhar no banheiro. Nesse dia me humilharam de muitas maneiras diferentes, entre uma delas foi o abuso sexual”.*

Em outro depoimento de uma aluna transgênero chamada Fran, ela diz que quando chegava à sexta-feira sentia-se aliviada, por saber que no outro dia poderia passar o dia em casa e quando chegava o domingo à noite já se sentia mal por saber que no outro dia precisaria ir para escola. Infelizmente, essa realidade faz parte da maioria das pessoas homossexuais, segundo uma pesquisa realizada pelo MEC (2009), mostra que 98,5% das pessoas mantêm distância social de pessoas LGBT+’s por homofobia e na escola 87,3% da população tem preconceito por orientação sexual.

Durante a elaboração desse trabalho foram realizadas entrevistas semiestruturadas com alunos que fazem parte da comunidade LGBTQIAP+, com o objetivo de entender a realidade vivenciada no meio escolar por essas pessoas. A pergunta norteadora das entrevistas foi: “Quais foram suas experiências no espaço escolar enquanto alunos LGBT+’s e como a escola lidou com esse tema?”, foram abordados sete alunos egressos da escola pública, vale ressaltar que nem todos se sentiram preparados para exporem suas experiências, por terem sido extremamente traumatizantes e que trouxeram problemas emocionais que perduram até os dias de hoje. Dos abordados apenas quatro conseguiram fazer os seus relatos.

Nos relatos obtivemos alguns pontos semelhantes que mostraram que a escola é bastante adepta a princípios preconceituosos já enraizados na sociedade. Todos citaram que o sofrimento com esse preconceito se iniciou em suas descobertas como pessoas homossexuais, por não ter aceitação de suas famílias e seus amigos, principalmente por estarem inseridos em um ambiente com princípios morais religiosos muito bem estabelecidos. Como afirmam os estudantes 2 e 4:

*“No primeiro momento foi difícil a aceitação de ser uma pessoa homossexual por estar inserido em um espaço com pensamentos preconceituosos já enraizados na minha família, nos relacionamentos sociais e dos princípios religiosos.” (ANTÔNIO)*

*“Em minha adolescência desenvolvi depressão, por alguns motivos pessoais, mas também por não me sentir aceito pela sociedade por causa da minha sexualidade, principalmente por parte da minha família que não me aceitava*



*por motivos religiosos, nesse período já sofria preconceito na escola.”*  
(FELIPE)

Outro problema relatado pelos entrevistados foi a maneira como eram tratados, sempre por apelidos pejorativos como: veado, bicha/bichinha. Dois deles até recebendo ameaças de agressão, de estupro e até ameaças de morte. Diante disso, nenhuma intervenção foi feita pela gestão da escola que algumas vezes até se mostrou indiferente a essas situações.

*“Já na escola comecei a sofrer preconceitos homofóbicos, era taxado pelo apelido pejorativo “viado magro”, por ser gay e magro. Em muitas vezes, era tratado assim na frente de professores e dos coordenadores, mesmo assim nada era feito para coibir esse preconceito. (...) No ensino médio foi quando comecei a receber ameaças de mortes, de estupro e de agressão.”*  
(ANTÔNIO)

*“Somos tratados por nomes pejorativos como: bicha/bichinha, em muitos momentos causando violências simbólicas e adoecimento mental. Em uma situação limite, tive que procurar a gestão da escola e as minhas demandas não foram atendidas, outra vez que teve voz foi o meu agressor.”* (PEDRO)

*“No ensino fundamental II comecei a receber ameaças de violências e até de mortes.”* (FELIPE)

Em todos os depoimentos foi ressaltado como a escola se coloca omissa diante dessas problemáticas, fazendo com que essas violências sofridas por parte dos estudantes tornem-se ainda mais estruturadas e fortes, outro ponto que é de extrema importância para a discussão é como a estrutura escolar é influenciada por leis morais religiosas.

*“Na escola existem muitos tabus e preconceitos principalmente quando se trata do tema homossexualidade.”* (ANTÔNIO)

*“Não era só eu que sofria esses preconceitos, mas a maioria dos alunos gays. A escola nunca teve um papel de ajudar ou formar uma rede de apoio para que aquilo não acontecesse e aquilo acontecia a todo o momento, até alguns professores eram coniventes e apoiavam indiretamente esses preconceitos. Posso dizer que a instituição foi totalmente omissa. (...) A escola foi novamente conivente, se mostrou despreparada e não trouxe*





*nenhuma intervenção, muito ao contrário, eu era malvisto e desacreditado quando expressava o que estava passando.” (PEDRO)*

*“Por uma não adequação da lógica heteronormativa, nós não temos voz na escola. (...) Em uma situação limite tive que procurar a gestão da escola e as minhas demandas não foram atendidas, outra vez quem teve voz foi o agressor, fui silenciado e tive que lidar com essa realidade sozinha.” (ANA)*

*“Sempre vi a escola muito despreparada para intervir nesse tipo de preconceito, pois, era composta também por uma gestão preconceituosa e muito religiosa, sendo utilizado na maioria das vezes princípios religioso para excluir e desqualificar os alunos da comunidade.” (FELIPE)*

Segundo o estudante quatro, após uma mudança no modelo da sua escola, que passou a ser uma escola cidadã integral, houve algumas mudanças, entre elas: a integração de um psicólogo para intervir nesses problemas, ele relatou que a partir disso conseguiu melhorar algumas questões emocionais adquiridos por situações preconceituosas vivenciadas na escola. Isso só ressalta a importância de a escola ter uma estrutura aberta a criar equipes de apoio e propostas de intervenções para esses e demais problemas que podem surgir no âmbito escolar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo de toda essa pesquisa, evidenciou-se através dos dados e relatos obtidos que a discriminação e a violência contra pessoas homossexuais são comuns no Brasil e isso reflete diretamente na educação básica. Também ficou evidente o quanto é importante e fundamental o papel de todos que compõem o quadro da educação para trazer intervenções e reflexões acerca da temática abordada. Nesse sentido, foi possível analisar quais são os desafios que as escolas de educação básica encaram nesse caminho de enfrentamento e como muitas das vezes são difíceis de serem solucionados.

Diante disso, os desafios que mais são vistos na educação começam aparecer quando olhamos para estrutura do currículo escolar, como foi mostrado em toda a pesquisa, esse é o ponto de partida para que a homofobia seja invisibilizada na escola. Os professores desde suas formações não recebem auxílio suficiente na construção de estratégias para tratar dessas temáticas, pois até mesmo em seus materiais de trabalho

veem uma estrutura que repete o padrão preconceituoso, sobretudo heteronormativo que se tem na sociedade. Infelizmente, esse é apenas um dos problemas enfrentados, encontramos também problemas relacionados a comportamentos estimulados pela criação dos pais e familiares, que também foram ensinados a reproduzir os mesmos pensamentos preconceituosos, muitas das vezes influenciados pela religião. Os princípios de religiões predominantes, como o cristianismo, são comuns de existir na escola e contribuem para que a ideia de olhar a homossexualidade como errado seja disseminada. Todos esses fatores contribuem para que o combate à homofobia se torne esquecida no ambiente escolar, fazendo que cada vez mais os alunos LGBT+’s sejam tratados com descaso e tenha suas demandas não atendidas.

Entretanto, mesmo diante desses problemas a escola precisa entender o seu papel na sociedade, na luta ao combate a todo e qualquer preconceito. A escola é o principal agente de transformação, também é o lugar onde as pessoas mais passam tempo em toda sua vida, por isso ela precisa intervir e estimular os estudantes a romper com padrões discriminatórios a fim de criar uma sociedade mais justa e igualitária. Portanto, é fundamental que a escola perceba o seu papel diante da homofobia, proporcionando ações que diminua os impactos que a Lgbtfobia traz aos estudantes e estabeleça um diálogo para que essa realidade seja alterada.

É preciso que a escola assuma a sua responsabilidade quanto a todo processo de aprendizagem, pois não há sentido ser educador para ensinar apenas conteúdos programados de matemática, português, ciências e geografia, mas fechar os olhos para assuntos que influenciam negativamente a construção do ser enquanto indivíduo em sociedade. A Lgbtfobia tem matado inúmeras pessoas todos os dias, tem feito com que os jovens vejam a escola como um lugar que não o pertencem e não o cabem, tem silenciado as vozes e as existências da maioria das pessoas da comunidade LGBTQIAP+, diante disso, a escola não pode se calar, muito menos normalizar essas ações. O papel da educação além de ser um ato de conhecimento, precisa ser um ato político.

## REFERÊNCIAS

NOBRE, Francisco Edileudo; SULZART, Silvano. **O Papel Social da Escola**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 03, Ed. 08, Vol. 03, p.1, ago. 2018.

CARDOSO, Maria Angélica; LARA, Ângela Mara de Barros. **Sobre as Funções Sociais da Escola**. IX Congresso Nacional de Educação - Educere III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, Paraná, v. 14, n. 52, p. 52-52, 26 out. 2009.

BENEVIDES, Bruna G.; AGUIAR, Maria Eduarda. **Lgbtfofia Estrutural: A violência e o assassinato consentido pelo não reconhecimento da cidadania da população LGBTI**. Dossiê dos Assassinatos e da violência contra travestis e transexuais no Brasil, p. 44, Brasil, 2019.

FILHO, João Silva Rocha. **O Currículo Escolar e as Relações de Heterossexismo e Homofobia na Educação Básica**. Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, p.1, 2010.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: História e crítica de um preconceito**. São Paulo: Autêntica, 2010.

GASTALDI, Alexandre Bogas Fraga; BENEVIDES, Bruna; LARRAT, Symmy. **Mortes e Violência contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2021**. Observatório de mortes e violências LGBTI+ no Brasil, p. 36, Florianópolis: Acontece, ANTRA, ABGLT, 2022.

Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais; Secretaria de Educação. **Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015: Às experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais**. Curitiba: ABGLT, 2016.

DÍAZ, Margarita; CHINAGLIA, Magda; DÍAZ, Juan. **Projeto Escola sem Homofobia**. Replotina - Soluções Inovadoras em Saúde Sexual e Reprodutiva, Brasil, 2011.

Transgender Europe. **Projeto de Investigação: Observatório de Personas Trans Assassinadas - Atualização TMM**. TGEU, 2017. Disponível [aqui](#). Acesso em:

GENI, Bendita. **Documentário LGBT - Homofobia e Transfobia na Escola**. Youtube, 2018. Disponível [aqui](#). Acesso em: 14 jun. 2022.

Ministério da Educação. **Pesquisa sobre Preconceito e Discriminação no Ambiente Escolar**. Brasil: FIPE, 17 jun. 2009. Acesso em: 19 set. 2022.